



INTERFERÊNCIAS DO ALÉM

A cultura galega guarda umha especial relação com a mundo dos defuntos, sendo um dos expoentes mais claros a Santa Compañha. Rubén Melide recolhe este mês lendas e tradições sobre esta comitiva de eterno andar assim como diversas crenças populares relacionadas com o mundo do além e que perdurárom durante anos no imaginário galego.

CRIAÇOM

Da mão de diversos prémios literários, chegaram a Xosé Daniel Costas Currás as publicações, e aproveitou bem a oportunidade. Este moanhês, que gosta de sair à rua e recitar, é membro fundador da Lonxa Literária da sua vila natal, em que outros como ele partilham o seu amor polas letras. Este mês visita o NOVAS DA GALIZA para falar de arquitetura barata.

CINEMA

Xurxo Chirro fala de 'Diario de cine. El nacimiento del nuevo cine norteamericano', umha escolma de textos do cineasta Jonas Mekas ambientados no período de efervescência do chamado "novo cinema norteamericano" da década de 60.

TEMPOS MODERNOS

Ler nos caminhos

Pedro Castro

Num país como o nosso, com umha demografia tam avelhentada, surpreende que a capital, que nom passa de umha vila grande, registre tal bulir de gente nova. Se isto acontece, é sem qualquer dúvida devido em grande medida à importância da cidade como polo universitário e à afluência de estudantes que, ainda que nom é a que foi em tempos, dá como resultado umha paisagem humana bem diferente de localidades a priori similares, como por exemplo Lugo ou Ourense.

Porém, o estilo de vida contemporâneo e umha certa passividade coletiva negam-lhe a Compostela e à sua área de influência umha boa parte da vitalidade que lhe caberia pressupor. A juventude, tanto a autóctone como a vinda doutros pontos do país e ainda de fora dele –mesmo a implicada em projetos de mudança social e política –, move-se num triângulo fático cujos vértices seriam a casa, os estudos ou o trabalho e a vida noturna, por desgraça todos três com frequência alienantes e pou-

co ou nada disfuncionais ao sistema em que vivemos. Do tempo académico ou laboral, pouco podemos dizer que nom seja já sabido. A vida de taberna quase sempre vai da mão do álcool, quando nom doutro tipo de drogas. No que diz respeito ao âmbito doméstico, a televisom e a internet costumam monopolizar as horas que passamos despertas baixo teto. Nom estamos pola abolição de nengumha destas facetas e ingredientes. Porém, é realmente vida todo este somatório?

Somos da opinião de que para defender há que conhecer. A imersom em mundos virtuais e pré-cozinados, na festa pola festa e na sociedade do espetáculo e da *felicidade forçada* limita-nos como pessoas, fazendo-nos cair na incongruência de nos dizermos defensoras e amigas da Terra sem sabermos com um mínimo de luz o que há num par de quilómetros à nossa volta. Assim, a Galiza torna-se, mais do que umha realidade palpável, um ideal difuso, que mal se concretiza nos pósteres da parede da sala de estar, nos colantes do cartafol, nos comentários do facebook ou nas conversas da taberna. Desde estas modestas li-



nhas, propomos um humilde empoderamento, nom consistente noutra cousa do que na pequena tomada de consciência que implica a saída ao mundo exterior.

Habitamos umha cidade que, por fortuna, mantém múltiplas e ricas conexoms com o mundo que a rodeia. Entre o rural e o urbano, existe umha sorte de *limes* difuso, em que os domínios do semáforo e da bosta, do cimento e do palheiro, se misturam sem umha solução de continuidade clara. Que melhor, pois, que botar a caminhar e descobrir o mundo em que estamos inseridas?

Para além dos nada desprezíveis roteiros urbanos, os arredores de Compostela oferecem-nos universos divergentes, resultando fascinantes todos eles. Nom é

por acaso que a cidade se situa numha fronteira entre, como mínimo, dous mundos opostos. A oeste, construções de imponente cantaria cujas habitantes sesseiam sempre, contrastando com um oriente de cachotes e sesseio só implosivo. Para o sul, os países do Ulha, de pequenas talvezgues vagoadas e abundantes uveiras, que resultariam quase tropicais para umha nativa das terras mais expostas e ermas do Tambre, onde predominam os campos abertos e as vacas se fam mais doadas de ver.

Andar caminhos é conhecermos, é conhecer as nossas semelhanças e a envolvência em que estão e estamos inscritas. Enfim: quem está a caminhar está a conhecer a vida. Entre as amantes da

língua, da antropologia, da geografia ou da história, nom faltará quem se maravilhe com todo o que tem por conhecer à sua volta: da arquitetura tradicional, tam variada em tam pouco território, aos bosques de ribeira; dos usos linguísticos díspares aos petróglifos; dos castros à fruta que cresce livre; da soidade agreste dos planaltos à humidade exuberante dos fundos de vale... Nom há menos mundo num dia de caminhada pola comarca do que numha noite de bar em bar na capital. A açom é urgente perante um mundo que corre o risco de nos encontrar alheias no futuro e, por se fosse pouco, é tremendamente grata e agradável. Para conhecer e para nos conhecermos, para sermos mais nós mesmas... desatemos a caminhar!



EM TEMPOS

Interferências do além

Rubén Melide

A cultura popular galega sempre guardou umha particular relação com a morte, até o ponto de nom ser estranho o mundo dos mortos interferir com o dos vivos. Um dos expoentes mais claros e mais típicos destas situaçõs é a *Santa Compañha*, conhecida também com os nomes de *Hoste*, *Pantalha*, *Visom*, *Visita*, *Antarujada*, *Estántiga*, e muitos outros no país, para além daqueles com que é denominada na área de cultura asturo-leonesa, em que também está presente. A Compañha também pode receber o nome de *Estadea*, se bem esta última é às vezes identificada como umha alma senlleira que vaga polos caminhos.

A Compañha tem sido interpretada tanto como nom-mortos que se encontram em situaçom de pecado mortal, quanto como antergos finados dumha pessoa a quem, por sua vez, lhe anunciam a morte. Segundo referem diversos testemunhos recompilados pola Galiza adiante, é à meia-noi-

A Compañha costuma ir comandada por um vivo, quem por volta das doze da noite é obrigado por umha força interior a se dirigir à igreja para recolher umha cruz e começar a marcha.

te que as ánimas começam a sua andaina polos caminhos. A sua passagem é por vezes silenciosa, podendo ser ouvido noutras ocasiõs o som dum sino. A Compañha costuma ir comandada por um vivo, quem por volta das doze da noite é obrigado por umha força interior a se dirigir à igreja para recolher umha cruz e começar a marcha. Tal como nos relata Víctor Vaqueiro na sua *Galiza máxica, mítica e lendaria*, tenhem sido documentados testemunhos que falam de pessoas que venhem todas as noites à Galiza desde Castela para cumprirem com esse cometido. Supom-se que as ánimas, ao serem de natureza imaterial, nom podem encarregar-se de levar a cruz, motivo polo qual precisam da colaboraçom dumha pes-



soa viva. Se o patrom da freguesia for um santo, a cruz será carregada por um homem, levando-a umha mulher se a paróquia estiver consagrada a umha santa.

Se umha pessoa viva alheia à Compañha a alviscar, correrá o risco de se integrar forçosamente na procissom. Nesse caso, a pessoa que recebe a cruz ficará condenada ao seu transporte de por vida. Porém, se esta pessoa conseguir transferi-la para um outro vivo, este último ocupará o seu lugar. Para se consumir a transferência, o portador que deseje ver-se livre da sua fatal carga terá que pronunciar as palavras *toma a cruz*.

Porém, existem certos jeitos de esquivar o lastre que o vivo da Compañha nos tenta impor. Na Amaía e noutras terras, existe a crença de que a carga pode ser evitada traçando um círculo no chao, metendo-se nele e rezando certas oraçõs. Umha outra maneira de fugir da cruz seria imitar essa mesma forma estirando os braços, e respondendo *cruz tenho* às palavras do portador.

Na cidade de Compostela existiu durante muito tempo a crença de que a Compañha seguia um itinerário concreto e recorrente: a comitiva baixaria pola Rua dos Pitelos, continuando por Castrom d'Ouro e chegando à Cole-

giada do Sar, em cujo adro desapareceria sob a terra. Por sua banda, na freguesia da Luanha, nas terras mais altas do contorno da Amaía, existem testemunhos de terem sido vistos animais voando, facto que também se relacionaria com a Estadea. Numha capela dessa mesma paróquia, tenhem sido vistas missas noturnas oficiadas por um crego morto, e cujo público seriam também pessoas já finadas.

O antropólogo aragonês Carmelo Lisón Tolosana, na sua obra *La Santa Compañha* estabelece um paralelismo entre a nossa Compañha e a procissom dos mortos encabeçada por Tíwaz primeiro e por Wotan – ou Odin – mais tarde. O relato acerca da Hoste continua ao longo da Idade Média, se bem substituindo a cosmovisom pagá pola ideologia cristá. Autores como o bispo de Paris Guilherme de Auvernha ou o castelhano Gonzalo de Berceo, ambos os dous do século XIII, fam referência à Hoste nalgum dos seus textos.

Também podemos rastejar a presença da Compañha nos documentos inquisitoriais dos séculos XVI e XVII centrados no nosso país. Assim, em 1577 o ourensano Baltasar de Araújo tivo que declarar perante o Santo Ofício por afirmar que “quando a alma dum homem sai do seu corpo, nom é

judgada, nem vai à Glória nem ao purgatório nem ao inferno, mas anda por aí às voltas”. O Padre Sarmiento também deixa constância da existência da Compañha na cultura popular galega do século XVIII: a partir da sua conhecida viagem pola Galiza, o religioso recolhe testemunhos e nomenclatura a respeito do fenómeno que nos ocupa.

A sequência típica do encontro com a Compañha é explicada por Lisón Tolosana nos seguintes termos: “um vizinho dirige-se à noite

Existírom em freguesias galegas pessoas com fama de poderem ver os defuntos e também de predizerem mortes. Aliás, existem animais vinculados com a prediçom dum óbito.

a umha outra aldeia ou volta para a sua casa polos caminhos habituais, bem conhecidos. Em todo o momento sabe onde está e para onde vai, (...). Este espaço é real, natural, empírico, familiar e vivido. Mas, de súpeto, produz-se o encontro com a noturna procissom, e a cenografia muda radical-

mente, produzindo-se umha rutura ontológica: o vidente acede a umha outra dimensom ou ordem de cousas. Traspasa, assim, umha barreira: quebra um limite, adentrando-se numha outra realidade e deixando num segundo plano os detalhes da realidade ecológico-material, objetiva, que enquadram a categoria do humano. O visionário fica separado da sociedade dos vivos, perde a sua direçom e norte e dirige-se para um outro destino”.

Há pessoas com mais habilidade do que outras para verem a Compañha e outras apariçõs. É comum a crença de que quando umha pessoa é batizada por erro com o óleo dos mortos se torna visionária de por vida. Em tempos nom tam recuados, existírom em freguesias galegas pessoas com fama de poderem ver os defuntos e também de predizerem mortes. Aliás, existem animais, caso do corvo, frequentemente vinculados com a prediçom dum óbito. Conta-nos Xosé Ramón Mariño Ferro na sua obra *Apariçions e Santa Compañha* a história dum homem velho de Cambados, de nome José, que foi avisado pola morte, estando esta encarnada na figura dum corvo que lhe pedia comida. Para além do corvo, existem outros animais vinculados à morte, caso do cam. Os uivos deste animal doméstico podem representar um agoiro. Em Caçás (Germa-de), a vizinhança acreditava numha espécie de cam, conhecido como *A Peregrina*, que também exercia de agoreiro.

A vida nas aldeias e freguesias do país tem mudado muito em poucas décadas. Dos agoiros e das estántigas logo se passou a um imaginário mais estandardizado, processo em que sem dúvida colaborárom os meios de comunicaçom de massas e a crescente urbanizaçom. Fenómenos como por exemplo a *rapariga da curva* ou os cinematográficos OVNIS, sem dúvida mais globalizados e globalizantes do que umha fileira de ánimas, passárom a ocupar o lugar destas nos medos noturnos da (pouca) mocidade que ainda transita os nossos montes nas noites de inverno. Porém, na escuridade sempre nos acompanhará umha inquedança, um receio. Se nom o fisesse, este mundo seria com certeza bem mais aborrecido.



A FOTO

Xermán García Romai

Flor do Courel (*Dactylorhiza cantabrica*), a única orquídea endémica da Galiza. Esta espécie, muito semelhante à *Dactylorhiza sambucina*, apresenta, no Courel, certas peculiaridades, como a coloração ou o tamanho e forma do esporom, o que deu lugar a que H. A. Pedersen a incluisse em 2006 nos estudos genéticos que descobriram que estávamos perante umha nova orquídea. O baixo número de efetivos, e a sua escassa distribuição (surge apenas numha pequena área do Courel), faz com que esta espécie deveria estar protegida, perante o possível risco de extinção a curto prazo. Mais informação em www.naturezadixital.com



CRIAÇOM

No pólo oposto das construçoms faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Da mao de diversos prémios literários, chegarom a Xosé Daniel Costas Currás as publicaçoms, e aproveitou bem a oportunidade. Este mês visita o NOVAS DA GALIZA para nos falar de arquitetura.

Arquitetura barata

por Xosé Daniel Costas Currás

as fronteiras decaam-se quando os colonos
pousam as nádegas.
pernas cruzadas
sobre esteias tecidas
e folhas de *pandano*
polo chao.

primeiro come ele nas plataformas elevadas
teito de *palha*
sem paredes.

há famílias rurais ao longo da África
que compartilham *motse*
e mulheres que casam e vam junto aos seus homens
à casa de onde ele é.

aproveitam o esterco das vacas
para juntar com as paredes e paus espidos
e debuxos indiferentes

toda casa circular que expressa ausências
corpos e injustiças
muros grossos com telhado de *palha* talvez.
e cada oco de cada casa umha tarefa invisível.

mais ao norte
as paredes fam-se de *palha* e mais de barro.

a casa comum é baixo telhado
de *palha* e silêncio.

o tempo os ocos as promessas
distribuem-se entre uns e outros.

quando ainda nom morriam
nem se matavam os povoadores entre si.

as mulheres pariam de forma paritária em listas cremalheira.

viviam em covas
e cobriam-se com folhas de árvores
e eternas formas de *palha*.

mui perto daquela fronteira
som as mulheres quem cozinham
alimentam o gado confeccionam artificios de casas
esteias painéis
palha para o telhado.



elas trabalhavam os furados do pulaka
nos pântanos.

nom importam as fronteiras. repito.
nom importa que fronteira.

espaço resguardado
adequado refúgio e diáspora interior do quotidiano.

depende do clima
terreno materiais disponíveis
técnicas construtivas
classe social.

barro e *palha* em blocos construtivos
deixados a consciência ao sol.



LÍNGUA NACIONAL

Fei[j]oo

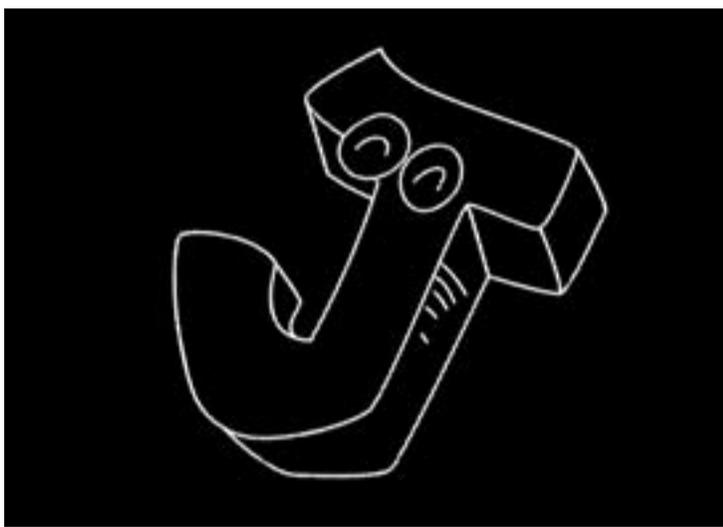
Valentim R. Fagim

Ovo e a galinha, a semente e a planta, a fala e a grafia. Quem está antes, quem está depois? Quem depende de quem? Um bofetada de metafísica doméstica para ativar a mente. Play.

Dizia o grande Pessoa que a fala era democrática e a escrita aristocrática. Queria indicar que falamos como queremos mas escrevemos como devemos? Embora não seja mesmo assim, o certo é que a escrita de uma língua oferece muita menos variabilidade do que a escrita. Esta afinal é um con-

junto de regras de natureza similar à que regem o xadrez. Para jogar necessitamos um consenso de como o fazer. Se em metade da partida o peão se movesse como a rainha, sem mediar aviso, seria o alvor de uma sociedade nova.

Existe uma correspondência entre a escrita e a fala. A primeira é uma tentativa de congelar a segunda em símbolos. Na Idade Média, escreventes de línguas latinas, faziam o melhor que sabiam para transcrever fonemas que nem sempre existiam em latim. Veja-se por exemplo a nasal palatal... soa estranho, sei, mas não afastes o olhar do artigo, vai acabar sabendo o que é a tal nasal palatal. Para a transcrever, na França e na Itália acabou triunfando o GN, na Occitânia e Portugal o NH, na Catalunha o NY e



em Castela esse símbolo fascinante que é o Ñ, nascido para poupar espaço sendo que em origem era um N acima de outro.

Ora, outras vezes, embora o fo-

nema não existisse em latim, podia-se pegar numa grafia latina e os escribas respiravam aliviados, afinal andar a inventar grafemas não estava recolhido no contrato.

É o caso da letra J. Em palavras como Judeu, Juif, Jew, Josieu, Jueu, Judío estamos perante diferentes pronúncias mas todas estas línguas usam o J latino para a transcrever.

Como sabemos, a escrita "oficial" para a nossa língua na Galiza decidiu prescindir desta santa letra e carregar sobre o X um peso, a meu ver, excessivo. Ora, há uma esfera onde a tal letra não delegou, os apelidos. E assim temos Janeiros com o mesmo J que o inglês January e temos, sim, Feijoós. Por causa do desterro do J, trabalhamos para lhe serem perdoados os seus pecados, criou-se uma situação curiosa: lemo-la como se fosse uma palavra estrangeira do tipo teJemaneJes. Não é justo, não. A Feijoo o que é de Feijoo, a Frijol o que é de Frijol.

CINEMA

O diário de Jonas Mekas

Xurxo Chirro

Estamos perante um dos melhores livros dedicados ao cinema publicados ultimamente. *Diario de cine. El nacimiento del nuevo cine norteamericano* é um livro intenso, apaixonado, veemente, polémico, visceral, indomável, desafiante e radical. Umhas características que o seu autor, Jonas Mekas, espalha em abundância por cada folha e que fai ver ao leitor como a crítica cinematográfica pode servir para referendar a criação, neste caso o cinema *underground* que se concentrou na cidade de Nova Iorque em meados da década de 1950 até ao começo da de 1970. A editora que publicou este fabuloso livro em castelhano foi a mexicana *Mangos de hacha*. Umha iniciativa que seria interessante que for imitada por alguma editora em Espanha.

Concretamente, o livro é umha compilação de textos que o cineasta Jonas Mekas escreveu em *Village Voice*. Umha coluna em que concorrem críticas, entrevistas, comentários, inventários, cartas e artigos que som umha excelente crónica do momento cinematográfico que se deu em

chamar "novo cinema norteamericano". Os textos recolhidos no livro som um terço das colunas escritas no semanário novaiorquino no período 1959-1971. Alguns apresentam-se inteiras e outras som simplesmente extratos muito significativos. Nestes escritos, Mekas centra-se num cinema que na altura nom tinha eco em nenhum meio, polas suas páginas passam as obras e os nomes mais destacados deste panorama vanguardista: Warhol, Anger, Brackhage, Frampton, Jacobs, Kubelka, Markopoulos, Sharits, Wieland... E também atende às obras e realizadores que passavam às vezes Nova Iorque: Rossellini, Godard, Antonioni, Rocha...

Provavelmente, o mais chamativo é o tom exaltado dos seus escritos adaptados a defender a causa dum cinema que, se nom fosse polas suas colunas, passaria despercebido. Mekas justifica-se dizendo: "Som partidário das exageraçõs! Estou rodeado dumha camada de mediocridade tam profunda, que tenho que gritar em voz muito alta para conseguir que alguém se mova dumha maneira ou doutra". Com esta premissa, encontramos um livro sazornado com muitas pérolas



que están longe de ser gratuitas.

Para ir abrindo boca, aqui vam alguns axiomas sobre a estética e a ontologia cinematográfica em que acredita firmemente Jonas Mekas: "Som um regionalista, pertenço sempre a algumha parte", "Intentem fugir dos críticos estabelecidos", "A popularidade mingua a beleza", "Necessitamos de filmes menos perfeitos e mais livres", "As convençõs cinematográficas quebram-se descompondo os sentidos cinematográficos oficiais", "O tédio é umha construção da mente dos guionistas", "Os críticos som pobres míopes infelizes que nom veem a beleza ainda que a tenham diante", "Os nossos críticos som carniceros da beleza", "A arte é um processo incerto que choca diretamente com o perfeccionismo",

"A arte mais pessoal também é o mais universal", "O público está preparado para aprender e explorar o desconhecido", "Vivemos numha civilização em que a palavra poesia evoca umha gesto hostil", "A beleza e a delicadeza insultam-nos por que o vulgar ocupa umha parte demasiada grande na nossa alma", "Que soprem ventos de anarquia e confusom: necessitamo-los!", "É tempo de incendiar os institutos. As escolas de cinema som para deficientes", "Os filmes caseiros som umha arte popular cheia de poesia", "Os críticos devem criar a atitude ajeitada para ver o filme", "O cinema já nom tem medo de ser arte já que é capaz de assumir a sua impureza", "O cinema amador é a criação dum homem sozinho, como na pintu-

ra ou na poesia", "O cinema amador nom tem produtores", e, talvez a mais importante: "A verdadeira história do cineasta de vanguarda é nom morrer de fome".

Porém, há que dizer que se vê como o ímpeto inicial de Mekas vai decaindo com a passagem do tempo. O cronista nom pode manter a intensidade dos primeiros anos e vai diminuindo o seu entusiasmo. Isto é algo muito significativo porque vemos como este tipo de movimentos nom som para sempre e a efervescência criativa de vários autores num mesmo espaço e tempo tem data de caducidade. *Diario de cine* é um testemunho único e de primeiríssima mao das vicissitudes e eventuais debates que sofre o cinema ao se situar sob a ótica da Modernidade. Mas, apesar de falar de tempos pretéritos, o livro possui umha estranha intemporalidade já que é um excelente guia para todas as práticas cinematográficas que se distanciam dos convencionalismos. Assemade, as ideias claras e diáfanas que se tiram deste livro nom falam de algo circunstancial mas definem umha necessidade que surge ciclicamente em distintas partes do mundo para o bem do desenvolvimento do cinema.